

ENTREVISTA



Clarindo Alves de Castro - Coronel RR PMMT
Mestre em Educação (PPGE-UFMT)
Entrevistado por Gabriel Rodrigues Leal, em 09 de março de 2022

RESUMO BIOGRÁFICO

Coronel da Reserva Remunerada da PMMT. Mestre em Educação (IE/UFMT/2011/2013). Especialista *Latu Sensu* em Ciências Jurídicas pela Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo/SP (2015). Especialista em Administração com Ênfase em Inteligência de Segurança Pública pela FAECC - UFMT (2008). Especialista em Gestão Organizacional de Segurança Pública pela UNEMAT (2008). Especialista em Segurança Pública no Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais (CAO) pela Polícia Militar do Estado de Goiás (2001). Bacharel em Direito pela Universidade Cidade de São Paulo (2015). Graduado no Curso de Formação de Oficiais pela Polícia Militar do Estado de Santa Catarina (1992). É docente da disciplina de Polícia Comunitária e Inteligência de Segurança Pública em cursos da DINT/MJSP, PMMT e SSP/MT. Curso Superior de Inteligência Estratégica (CSIE) na Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro, do Ministério da Defesa (2010). Curso de Extensão Universitária USP, SP, Faculdade de Medicina. Membro Correspondente da Academia de Letras dos Militares Estaduais de SC. Autor dos livros: *Inteligência de Segurança Pública: Um*

Xeque-Mate. Curitiba: Ed. Juruá, 2009; Mestre Hilário: uma história de cura, fé e amor. Rio de Janeiro: Ed. Gramma, 2018 e Polícia Comunitária: democratização da segurança pública. RJ: Ed. Gramma, 2018. Membro Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Membro Efetivo do Instituto Brasileiro de Segurança Pública. Membro Correspondente da Academia de Letras dos Militares Estaduais de Santa Catarina Almesc.

RHM: Senhores, nós estamos dando início a mais um Diálogo com Pesquisadores! Nesta noite, a honra é receber meu Comandante Coronel Clarindo Alves de Castro! Muito boa noite, Comandante!

Boa noite, Leal! Eu quero agradecê-lo pelo convite e dizer que estou muito contente por participar deste programa 'Diálogo com Pesquisadores'! De igual modo, eu quero parabenizá-lo, de antemão, porque eu tenho certeza de que este quadro será uma fonte de consulta futura para os nossos policiais e também tenho esperança que ele seja um repositório de parte da memória da nossa instituição, o que será muito importante. E, já aproveito esse gancho para agradecer e parabenizar pelo apoio e incentivo que eu tenho certeza de que veio do nosso Comandante-Geral-coronel Assis-, do coronel Alvarenga-Comandante-GeralAdjunto-, do nosso Diretor de Ensino-coronel Paulo César! E, agradecer por essa brilhante iniciativa!

RHM: Muito obrigado Comandante pelas palavras iniciais! (...) Gostaria de agradecer o vosso aceite para estar conosco aqui em nome do nosso Diretor de Ensino Coronel Paulo César e do nosso Comandante Geral Coronel Assis. Faça votos que nossa conversa ganhe um público que de fato merece saber mais acerca da nossa memória, público que vive a polícia militar e, dessa forma, precisa de conteúdos que enriqueçam essa sua vivência. E eu tenho certeza e clareza que a nossa conversa hoje aqui vai ser uma forma de exaltar o militarismo em Mato Grosso e, por que não pensar, os rumos da Segurança Pública a partir dessa nossa conversa aqui! Muito obrigado pela presença! Eu gostaria de começar essa nossa conversa remetendo ao início de tudo, ao Gênesis de quem é hoje o coronel Castro? Quando eu olho para trás e ainda nos anos 90! Eu queria começar indo até o ingresso do senhor

na PMMT e mais especificamente aos desafios daquela época, considerando que ainda não tínhamos a Academia de Polícia Militar Costa Verde e ter que sair do estado. Queria que o senhor contasse um pouco dessa experiência de ingresso, essa experiência de deslocamento para fora do estado e, sobretudo, se houve um choque de realidade entre o ir e o vir, o início e o fim da formação? Com a palavra, o senhor comandante!

Agradeço a pergunta! Sempre é bom lembrar o período acadêmico, as dificuldades até chegar ao mais alto posto da Polícia Militar. Vou fazer uma viagem ao tempo: o meu ingresso na PMMT começou em 1988. Como você disse, não havia a Academia Costa Verde. Ela só seria inaugurada em 1993, com a turma “Ubaldo Monteiro” nome muito forte e pertinente! Assim que eu passei no concurso do CFO fui designado para Academia da Polícia Militar de Santa Catarina, localizada na paradisíaca Florianópolis. Daqui do estado de Mato Grosso fomos dois candidatos, eu e o coronel Batista. Passamos 04 anos em Santa Catarina e fomos declarados aspirantes a oficial. Em 1992 retornando para Cuiabá como aspirantes. Então, fui designado para trabalhar no Batalhão de Guardas.

RHM: O cadete ingressa na instituição ao tempo que nós não tínhamos academia própria, esse período que ele passa em outro estado em formação, durante todo esse período, ele mantém algum vínculo com a instituição? Por exemplo, o senhor sair daqui em 88 e voltar em 92, tem algum estágio no MT, como que é essa ligação, como é o vínculo?

Há um desligamento do Estado de origem. Em regra, as pessoas só voltam quando são declaradas aspirantes. Mas, como em Santa Catarina havia um estágio operacional e nossos colegas catarinenses iriam para suas unidades, eu e o coronel Batista pedimos para vir, nas nossas férias, para MT. Então, em duas férias viemos estagiar em unidades da capital. Causa uma certa estranheza, você vai para uma outra polícia, veste outra farda, conjuga outros verbos, vivencia um histórico sociocultural diferente. Então, por mais que sejamos cuiabanos, você passa quatro

anos, fica imerso naquela cultura, em regime de internato, você respirava academia e volta para cá. Então, é natural esse estranhamento.

Mas, voltando a Cuiabá, eu fui designado para trabalhar no Batalhão de Guardas. Em Santa Catarina, nós fizemos vários estágios, um deles foi na Oktoberfest de Blumenau, festa maravilhosa, onde pude perceber que as unidades policiais eram bonitas e organizadas, todas elas eram fruto de planejamento! E me deparo com a realidade diferente.

Como disse, eu fui designado para o Batalhão de Guarda. E, onde o Batalhão de Guarda estava instalado? Dentro da antiga Penitenciária de Cuiabá! Para quem não sabe, era a principal Penitenciária de Cuiabá. Um prédio abandonado. Como a Polícia Militar precisava de um local para instalar suas unidades... então, como aspirante eu fui trabalhar naquela unidade, que era uma verdadeira masmorra. E não há nenhum eufemismo na palavra masmorra, a insalubridade era grande, havia muitas infiltrações nas paredes. Era muito ruim! Então, o choque acentuou muito com essa chegada ao Batalhão de Guardas!

Ocorre que 3 meses após o meu retorno, iniciou-se um curso em Cáceres no 6º Batalhão. Como a Polícia Militar de Mato Grosso mandava poucos alunos para formarem outros Estados, era reduzido o efetivo de oficiais naquela época. E, como havia esse curso de formação de soldados em Cáceres, fomos transferidos para Cáceres logo em seguida. Foi eu e o coronel Roberto. Vou permitir mais um salto, do CFO para minha vida nas unidades policiais de Mato Grosso.

Depois disso, fui designado para trabalhar na Academia Costa Verde, depois para o 1º Batalhão, experiência excelente! Depois fui para o DAL (Diretoria de Apoio Logístico da PMMT), onde aprendi muito da parte administrativa! Na Polícia Militar você pode ser designado para vários setores além do operacional.

DAL era a nossa Diretoria de Apoio Logístico. Naquela época tínhamos dotação orçamentária própria. Ou seja, nós comprávamos equipamentos e fazíamos licitações. Era um importante centro de aquisição da Polícia Militar. Posteriormente, fui transferido para o 5º Batalhão onde trabalhei como subcomandante. Depois, eu fui designado para servir no 7º Batalhão de Rosário Oeste em uma época bem interessante. Hoje nós temos as RISP, Regiões Integradas de Segurança Pública, mas

antes, o 7º Batalhão era muito importante para a PM, ainda é muito importante, contudo, estrategicamente, em termos de amplitude de missão, era muito mais importante porque contemplava 4 Comandos Regionais. Era a maior a área geográfica de comando da Polícia Militar em 2002. Depois, nós comandamos o 3º Batalhão. Posteriormente, eu fui para Casa Militar, atendendo o convite do coronel Oliveira, quando ele deixou o cargo de Comandante-Geral e assumiu a função do secretário de Estado. Ele me convidou para a função de chefe do setor de informação e contra-informação da Casa Militar.

Posteriormente, fui designado para servir na SEJUDH, Secretaria de Justiça e Direitos Humanos. Assim, após ter trabalhado por mais de 20 anos na Polícia Militar, prendendo criminosos e cumprindo nossa função constitucional, de repente, me vi do outro lado, recebendo esse pessoal, como gestor das 54 unidades prisionais! E, finalmente, terminei a carreira em 2017 na Diretoria da Agência Central de Inteligência.

Em rápidas palavras, esse foi meu percurso inicial, Leal. O que me levou a ingressar na PMMT e, por consequência, fazer esse percurso foi a somatória de vários fatores como: a estabilidade financeira e a minha passagem pelo Exército Brasileiro. Eu servi no 9º Batalhão de Engenharia e Construção, isso ajudou-me bastante na ambientação acadêmica. Eu acredito que outro importante fator foi o fato de eu ter estudado na Escola Técnica Federal de Mato Grosso em 1984. Naquela época, ela era dirigida pelo coronel do Exército, Octayde Jorge da Silva. Aquele ambiente de disciplina não era militar, mas um ambiente escolar muito organizado, que me influenciou muito. E, finalmente, a sugestão de dois cadetes. O primeiro foi o coronel Ribeiro Leite, colega da Escola Técnica. Ele foi para a Academia do Barro Branco em São Paulo. Nas férias, conversávamos muito e ele me influenciou. O segundo foi meu primo que era cadete em Brasília, coronel Leovaldo Castro, me influenciou muito também. E, graças a Deus e a esses fatores eu segui nessa carreira.

RHM: Antes de ir para segunda questão, eu queria ressaltar um pouco a experiência conduzindo o sistema Penitenciário de Mato Grosso. Como foi gerir sendo Secretário de Estado? Pode narrar um pouco dessa experiência para gente?

Foi um período muito rico em que aprendi muito. O que facilitou essa administração foi a passagem anterior do coronel Wilquerson, hoje com doutorado. Ele construiu junto com vários policiais penais um plano de modernização e humanização e estabeleceu algumas metas. Eu segui à risca esse plano de modernização. Outro ponto facilitador foram as reuniões semanais em Brasília, no DEPEn, para buscar recursos para o Estado de Mato Grosso. Também, participamos de audiência pública no STF, onde defendemos os interesses do nosso Estado. Foi uma oportunidade muito rica para que eu aprendesse, não só como profissional da área da Segurança Pública, mas como pessoa também. Nós vivenciamos muitas experiências singulares. Uma delas, a primeira, eu lembro medo primeiro dia que cheguei à PCE, e deparei com um ambiente muito pior do que aquele do Batalhão de Guardas. Nas celas que comportavam no máximo seis reeducandos havia 20 e até 30 pessoas naqueles cubículos! Não vou entrar no mérito de juízo de valor, cometeu um erro, tem que pagar, vai cumprir a pena no presídio! Mas, o local era fétido e insalubre, a minha vontade era pedir para ir embora. Mas, de repente eu vi um jovem de 19 ou 20 anos, não sei ao certo, balançando seu alvará de soltura. Eu imaginei, na minha ignorância, que ele, diante daquela situação estivesse pensando: "eu nunca mais volto para cá!". Mas, para a minha surpresa, ele soltou uma piadinha: "Pessoal, semana que vem eu estou de volta!". Eu pensei: ele está brincando com certeza. Isso só pode ser uma brincadeira, não tem sentido. Mas, fiquei com aquilo na cabeça e pedi aos agentes que o monitorassem para verificar se realmente o que ele falou era verdade! E, não era mentira, depois de 15 dias ele voltou à PCE. Muitas daquelas experiências estão descritas no livro "Recuperar". Um livro maravilhoso da qual fui organizador junto ao Secretário Luiz Antônio e aos oficiais da PMMT: Rosângela, Sakata e Alvarenga.

Para fechar, foi a época que o sistema penitenciário assumiu a gestão tanto da parte interna quanto da parte de segurança da Muralha. Eu conduzi aquela transição em que a SEJUDH devolveu para a Polícia Militar algo em torno de 400 policiais militares. Foi um movimento brasileiro em que o sistema trocou os policiais contratados por policiais concursados. Diante disso, houve capacitação, treinamento e todo o contingente teve que ter aula de tiro. Então, foi uma movimentação gigantesca! Mas teve uns dados interessantes. Registramos poucas rebeliões, poucos

motins e os números de fugas foram reduzindo gradativamente! Posso dizer que o sistema penitenciário foi uma verdadeira universidade para mim.

RHM: Comandante, eu queria continuar, eu quero fazer a conversão à pesquisa. Como surgiu seu interesse pelo campo de pesquisa? Por que a sua carreira, num dado momento, faz um alto e fala, agora eu vou fazer um mestrado? Como surgiu esse interesse? O que te levou para os bancos acadêmicos a ser tornar um pesquisador?

É muito bom falar sobre essa mudança de rota porque, éramos poucos oficiais e quase não tínhamos tempo. Mas, já na função de capitão e mesmo como major eu estive em outras unidades, o que me possibilitou investir na parte acadêmica. Entretanto, eu acredito que o começo mesmo foi no CAO. Quando eu cursei em 2001, não existia CAO aqui no estado de Mato Grosso, eu fui fazer em Goiânia, onde trabalhamos um pouco a filosofia da polícia comunitária e, posteriormente, realizei o CSP em Cuiabá. Eu acredito que esses dois marcos abriram a porta para a pesquisa e passaram a necessidade de buscar novos conhecimentos junto às academias. O Curso de Pós-graduação com ênfase em Segurança Pública, realizado em 2008, foi meu principal empurrão. Como eu já estava na Casa Militar e não conhecia a função da atividade de inteligência com a profundidade que eu gostaria, então comecei a investir nessa área. E, para minha sorte, houve a primeira especialização em Inteligência de Segurança Pública aqui no Estado do Mato Grosso. Foi uma parceria inédita, um projeto piloto construído entre a Senasp e a Universidade Federal. Caso esse projeto piloto, desse certo, iria ser levado a outros estados. Foi um curso maravilhoso porque, com a parceria, havia dinheiro e a Senasp pode trazer para a Universidade Federal de Mato Grosso aquilo que era de melhor em inteligência no Brasil. Ela trouxe os melhores professores.

Então, falando de pesquisa, eu desenvolvi um projeto de pesquisa na área de homicídio. Peguei o ferramental da Inteligência, notadamente a análise criminal, que é uma técnica acessória, segundo a nossa doutrina e, de posse desse ferramental eu fui investigar os homicídios. Mas, por que fui investigar os homicídios em Mato Grosso? Naquela-época o sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz lançou o livro “Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros”. Esse livro me chamou atenção porque no

mapa de violência no Brasil, ele ranqueou todos os municípios brasileiros, que na época era de 5.560. Baseado em que? De um lado, ele pegou os dados populacionais do IBGE, e do outro, os homicídios do Sistema Único de Saúde. Basicamente comesses dois dados e calculou a proporção e estabeleceu o ranking entre os municípios mais violentos do Brasil, daí o nome Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros. E o que mais me inquietou foi que dos 5.560 municípios brasileiros o mais violento foi daqui de Mato Grosso: Colniza. Nessa matemática, o número encontrado foi assustador. Ele descobriu, naquela época de 2002/2004, que em Colniza havia uma taxa de 165,3 homicídios para cada 100 mil habitantes. Na Europa, quando se atinge dois dígitos, param tudo, o dado é considerado alarmante e providências são tomadas. Geralmente operam com a taxa de 03 homicídios para 100 mil habitantes. São Paulo comemorou quando atingiu a cifra de 09 homicídios a cada 100 mil habitantes e Colniza chegou a 165,3.

Outro fato que me chamou atenção, foi que dos dez municípios mais violentos do Brasil, segundo Julio Jacobo, quatro eram daqui de Mato Grosso: Colniza, Aripuanã, Juruena e São Félix do Xingu. Acreditei que havia alguma coisa estranha! Falar que Colniza-era o município mais violento do Brasil? Olha o Rio de Janeiro! Olha alguns guetos de São Paulo! Têm alguns lugarejos em alguns estados do nordeste que são muitos violentos! Então, eu decidi investigar a situação de Colniza. E, como a região do Norte de Mato Grosso tem históricos de conflitos fundiários, eu tentei estabelecer esse diálogo, será que o motivo desse exacerbado número de homicídios se deve aos conflitos fundiários? Eu fui analisar. O resultado da pesquisa está no livro "Inteligência e Segurança Pública".

Mas antes, eu iniciei a pesquisa com números interessantes, em 2006, o Tribunal Regional Eleitoral, detentor de um banco de dados bem sólido, indicava que Colniza possuía 16 mil eleitores e um ano antes o IBGE sinalizava que em Colniza havia 13 mil habitantes. Ou seja, os números não batiam. Se você tem 16 mil eleitores, você pode dobrar ou triplicar esse número para se estimar a população. A prefeita Nelci Capitani, na época, falava "eu tenho 35 mil habitantes" e o IBGE dizia que tinha 13 mil. Claro que o processo de imigração era muito intenso, mas esse número soava exagerado. Eu não quero desqualificar a pesquisa do Júlio Jacobo, eu quero dizer que

só esses números, com certeza, não colocariam Colniza como primeiro lugar no ranking nacional de homicídio! Outra coisa que me chamou atenção foi que visitei algumas vezes o Município de Colniza e, curiosamente, notei uma cidade tranquila. Eu percebi que em 2005/2006 as pessoas ainda tinham hábito de dormir com a porta de casa destrancada. Algumas pessoas tinham o hábito de dormir com a janela aberta! E eu comecei a insurgir como que aquela cidade poderia ser considerada a mais violenta do Brasil?

Chamou-me atenção também o nome que o Júlio Jacobo atribuiu ao trabalho: Mapa da Violência. Eu mandei depois um documento para ele questionando o nome. Para mim teria que mudar. Porque não foi pesquisado a violência, e sim os números de homicídios. Por mais que o homicídio seja a expressão mais forte da violência, este fenômeno é muito maior que homicídio. Ele deveria ter colocado o nome de: Mapa dos Homicídios.

Outro achado interessante em Colniza, foi que depois que eu analisei todos os Boletins de Ocorrências, que davam conta desse período de 2002 a 2004, eu percebi que diferente do que ocorria em todo o Brasil, a faixa etária de pessoas que mais morriam em Colniza era de 25 a 34 anos. Essa idade de 25 a 34 anos em Colniza sinalizava para outros delitos, por exemplo, grilagem de terras, invasão. Outro fato interessante é que em Colniza, de todos os homicídios registrados, apenas 5% eram de cidadãos mato-grossenses.

Enfim, eu pude concluir que, pelo menos quatro fatores contribuíram para esses homicídios: primeiro, a política fundiária era ineficaz; segundo, grandes latifúndios da região; terceiro, intenso processo migratório e o último fator contributivo para aquele quadro de 165,3 homicídios por 100 mil habitantes, era a ausência do estado, em suas principais políticas públicas.

RHM: O Senhor fez uma síntese muito robusta da pesquisa. Eu queria te fazer uma pergunta acerca de análise criminal, existia a análise criminal implementada na Instituição, antes 2001? A segunda questão, em que ano a gente faz a transição técnico doutrinária da ideia e concepção de PM2 para inteligência? Estamos falando de um novo vocabulário técnico sendo implementado, de organização de pesquisa, de

estrutura de pesquisa de campo, de fundação do serviço de inteligência na virada do milênio?

É mais ou menos isso! Essa grande transformação foi provocada pela Lei 9883/99, que criou a Agência Brasileira de Inteligência. Antes dessa lei, se falava em Informação, é o caso do SFICI (Serviço Federal de Informações e Contra-Inteligências), criado em 1946. Inclusive, esse Serviço Federal foi criado por um presidente cuiabano Eurico Gaspar Dutra.

Então, se falava Informação até a criação da ABIN (Agência Brasileira de Inteligência). E, por conta disso, se espalhou no Brasil a palavra Inteligência. Creio que o principal fator que solidificou a inteligência nas PM's2, foi a DNISP (Doutrina Nacional de Inteligência em Segurança Pública), que não tínhamos. Antes disso (2009), cada Estado tinha seu linguajar próprio e trabalhava as suas PM's2 de forma distinta. Com a DNISP, além de padronizar os vernáculos, ainda alargou os horizontes e possibilitou que a inteligência realizasse outras atividades.

Hoje, o trabalho de inteligência não é aquele P2 de antigamente, que muitas vezes, era entendida, até no meio policial, como função única de perseguir policiais. Hoje, a inteligência não se confunde com corregedoria ou com a ouvidoria. A atividade de Inteligência é para produzir conhecimentos dentro de uma metodologia própria.

E, para o refinamento desse produto da inteligência, nós valem de algumas técnicas assessorias, dentre elas, a qual remonta a sua primeira pergunta, temos a análise criminal. Aliás, nós precisamos avançar ainda mais nessa técnica em Mato Grosso.

RHM: Agora, quero conduzir nossa conversa para pesquisa de Mestrado. O Senhor foi fazer mestrado em educação no Instituto de Educação e participou do grupo de pesquisa fenomenologia, filosofia. Como é que foi essa transição de cenários formacionais. Como é que foi isso Comandante? Como foi esse processo que resultou num livro? Pode contar um pouco para nós?

Com certeza! Essa pesquisa deu origem ao livro "Polícia Comunitária e a Democratização da Segurança Pública". Mas, esse livro, também foi inspirado na obra "A síndrome da Rainha Vermelha" de Marcos Rolin. A síndrome da rainha vermelha é aquele sentimento de você correr e não sai do lugar. É um drama da Segurança Pública, você está eternamente trabalhando, desenvolvendo sua missão da melhor forma possível e você não vê, lá na ponta, o resultado. E eu percebi isso quando trabalhava em Mirassol d'Oeste, na fronteira com a Bolívia, onde havia muitas prisões de criminosos, especialmente dos traficantes. Entretanto, eu sentia que esse trabalho policial não trazia o efeito que eu gostaria que trouxesse. E, eu conheci um projeto bacana e incentivei-o. Era o projeto Guarda Mirim. Por meio dele, eu verifiquei que era possível fazer algo diferente. Naquela época, 1990, houve a criação do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente). Recordo-me do Coronel Vandir Metelo e do Coronel Reis, que aproveitaram a novidade do ECA para criarem um projeto. Eles determinaram que cada Comandante de Batalhão desenvolvesse um trabalho para estabelecer esse diálogo entre a Polícia Militar e o ECA. O que a Polícia Militar poderia fazer para minorar os atos infracionais? Eu fiz uma pesquisa totalmente empírica, entrevistei várias pessoas, realizei um estudo e apresentei em Cuiabá, no auditório do SESI em Várzea Grande, onde foram selecionados seis projetos e o meu estava no meio deles.

Eu fiz o CAO (Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais) em Goiânia. O trabalho de conclusão de curso foi em conjunto com a coronel Zózima. Nós desenvolvemos a monografia com o tema "Polícia Comunitária". Era comum, alunos do CAO e do CSP (Curso Superior de Polícia), realizarem viagem de estudo. Nós fomos para França, onde ficamos em Paris e para a Itália, onde ficamos em um quartel da Polícia de Roma. Conhecemos um pouco da Segurança Pública. Eu lembro que, tanto na Itália quanto na França, falou-se da polícia comunitária. Isso nos empolgou mais ainda. Concluímos que estávamos, no caminho certo.

Eu voltei de Goiânia no final de 2001. E, no início de 2003 o Comandante-Geral determinou que eu comandasse o 3º Batalhão de Polícia Militar. E eu fiquei muito feliz porque era o batalhão que mais tinha Companhias Comunitárias! Nós trabalhamos bastante. Pegamos a teoria aprendida no CAO e tentamos estabelecer esse diálogo com a prática. Foi um período em que aprendi muito sobre a polícia

comunitária. Um fato que me chamou atenção naquela época, foi que a SENASP (Secretaria Nacional de Segurança Pública) só enviava recursos aos Estados se estivesse investindo em polícia comunitária. Em Mato Grosso houve esse incentivo muito forte, inclusive o aporte financeiro para os cursos. E esses cursos não eram voltados apenas para policiais militares, tinha que ter policiais e líderes comunitários. Então, tivemos como alunos líderes comunitários, bombeiros, policiais civis e policiais militares. Eu confesso que achei bem interessante esse movimento.

Entretanto, a gente se inquieta com isso e quer saber a razão, o motivo! E a minha grande inquietação foi: será que a filosofia da polícia comunitária não era uma jogada de *marketing*? Será que não era uma propaganda? E o governo não estava capitalizando dividendos políticos? Será que ao invés de estarmos trabalhando a democratização da segurança pública, nós não estávamos reproduzimos ideologias de quem governava? Então, foi essa dúvida que eu levei ao mestrado que cursei na UFMT.

Foi interessante porque como eu já viajava para todo Brasil, ministrando cursos na área de inteligência, eu queria aproveitar a oportunidade do mestrado para aperfeiçoar a minha situação como professor e desenvolver as habilidades da docência.

No mestrado, eu entrevistei todos os comandantes de Base Comunitária e todos os Coordenadores de polícia comunitária que ficavam na Secretaria, além de algumas lideranças comunitárias. Então, as lideranças comunitárias participaram da construção da minha dissertação. E, no final do trabalho, julgamos por bem transformar a pesquisa em livro. Justamente nesse que você citou, "Polícia Comunitária", que corrobora com a democratização da segurança pública, uma vez que a Polícia Militar, aumentando a confiança da sociedade, terá suas ações mais legitimadas.

RHM: Comandante, eu quero falar agora para fazer uma sequência aqui coerente das questões sobre o Coronel Clarindo Alves de Castro escritor. Nós falamos até agora do policial, nos falamos do pesquisador e agora quero falar acerca do Coronel Castro escritor. Quero fazer menção do seu livro Memórias - Mestre Hilário uma

história de cura, fé e amor. Quero saber alguns detalhes sobre o porquê dessa obra, quem é mestre Hilário?

Mestre Hilário, na verdade é meu avô! Ele é um cuiabano que nasceu em 1895, antes do movimento Tenentista no RJ, antes dos problemas todos com a marinha, especialmente da Revolta da Chibata. Menciono esses marcos porque ele serviu na Marinha do Brasil naquele período. Ele morreu em 69. Eu tinha pouco mais de um ano de vida, praticamente não o conheci. Mas quando fui crescendo, no bairro Barcelos, no Dom Aquino em Cuiabá, fiquei sabendo que ele curava pessoas por ter o dom de cura. Eu gostava de ouvir essas histórias. Conforme fui crescendo não ouvia mais aquelas histórias do Mestre Hilário, então fui atrás e comecei a pesquisar. Primeiramente eu achei uma agenda dele, para minha sorte, o que me ajudou a entender as entrevistas que realizei, saber como ele trabalhava, como eram as suas consultas e o que ele fazia. Descobri que não era só aquela consulta presencial, ele atendia através de cartas também. Ele recebia cartas de São Paulo, Curitiba, Barra do Garças, Campo Grande e outras. Contudo, eu não vi nenhuma dessas cartas, só li as anotações na agenda e ouvi sobre elas nas entrevistas. Ele medicava plantas caseiras, benzina as pessoas e, além disso, ele prescrevia fármacos, remédios mesmo. Tinha uma farmácia por nome Globo, então, ele receitava e as pessoas compravam o remédio nesse local e, curavam-se das enfermidades. A sua fama espalhou-se por vários municípios menores.

Eu chamo atenção para a biografia porque memória familiar é um legado para futuras gerações, é uma forma de valorizar os esforços e o trabalho que se sedimentaram o valor da família. É aquilo que sedimenta a base familiar. Mais do que os negócios, a família é o apoio que motiva essa continuidade. Entender a história propicia entender um pouco das nossas origens. Então, o conjunto disso tudo motivou a aventurar nesse livro.

RHM: E sobre o seu livro de Memórias de páginas 500, 600 páginas que irá açambarcar toda sua experiência, senão toda, mas boa parte de sua experiência profissional? Não vou pedir um spoiler do livro para nossa audiência, mas eu

pediria pelo menos dois casos que o Senhor descreve ali, que a modo de aperitivo quem vai nos ouvir agora vai dizer, esse é um livro essencial!

Esse livro nasceu depois que fui para reserva remunerada, então comecei organizar algumas pastas e a encaixar os fatos e amarrar cada ponto. De repente, aquele memorial descritivo que começou com 7 ou 8 páginas, já estava com mais de 200. Então, comecei agregar nele também as viagens dos cursos que ministro. E tenho o hábito de registrar as impressões das viagens. Eu converso com os alunos, conheço as suas realidades e, posteriormente, eu mostro o que escrevi e pergunto se posso publicar, se anotei algo de forma equivocada. Então, esse livro nasceu disso, daquele memorial descritivo e foi transformando em algumas centenas de páginas!

Você me pediu um *spoiler*, tem um detalhe que eu acho interessante, ocorrido nos idos de 1998. A PMMT todos os anos fazia sua propaganda, comumente eram policiais marchando, viaturas, era sempre assim. Eu trabalhava na DAL (Diretoria de Apoio Logístico) e levei uma proposta de propaganda diferente. Como naquela época, a Parmalat usava uns bichinhos de pelúcia nas suas propagandas, que aliás fazia sucesso, eu propus, naquele 5 de setembro (data em que se comemora o aniversário da PMMT), que levássemos crianças fardadas: uma com farda da ambiental protegendo o aquário, não deixando os outros pescarem na piracema; outra com colete de motociclista pilotando e auxiliando uma outras a atravessarem a rua e outras situações envolvendo crianças fardadas. Ficou um trabalho bonito. O David Cutiario, profissional da área, desenvolveu o projeto. Lembro-me que coloquei ao fundo a canção da PMMT. Daí, o profissional da área disse que já havia muito tema policial militar, então substituímos pela música de Roberto Carlos “Meu amigo de fé”. Ficou uma combinação muito boa! E, para a nossa surpresa, foi eleita o melhor trabalho publicitário do Estado da área pública daquele ano. Então, são exemplos como esse que estão no livro! E, se a gente decidir um dia publicar, com o honroso prefácio do Gabriel Leal, teremos o prazer de se sentar e conversar sobre essas páginas com prazer.

Mas, como você pediu dois *spoilers*, vai o segundo. Quando eu retornei da academia e fui para Cáceres, o comandante de Pontes e Lacerda saiu para fazer um curso e o coronel Rosa Fortes me incumbiu de segurar o comando para ele. Aí você imagina, lá

na fronteira com a Bolívia, aspirante, 20 e poucos anos... Confesso para você que eu assustei muito, até porque quando eu cheguei naquela 2ª Companhia, região onde estão as mazelas do tráfico de drogas, roubo de carro, roubo de gado, tudo em função das proximidades com a Bolívia, ainda não havia Gefron. E, chegando a Pontes e Lacerda eu fiquei sabendo que lá morreram dois ex-comandantes. Isso tudo me assustou mais ainda, eu nunca havia comandado nada e o tenente Rodrigues filho ficou comigo 3 dias para me passar a função e as orientações. O desespero veio quando ele falou: "A Companhia é sua! Fique com Deus". Um jovem de 20 e poucos anos, numa região sufragada pelo tráfico de droga, próximo à Bolívia e com 2 oficiais mortos. Foi complicado! E, como presente de boas-vindas a juíza foi me visitar e falou, "Tenente, quero que o senhor faça um grande favor pra mim, quero que prenda o ex-prefeito, uma pessoa muito conhecida, muito popular na cidade! "Então, esse foi meu presente de boas-vindas! E determinei ao sargento: "Pega uma equipe boa, vai lá e prenda-o!". Eu lembro que o sargento coçou a cabeça, "Comandante, vai ser difícil!". Mas por que vai ser difícil? "Porque daqui a pouco vem o natal e aqui é comum a gente pedir para as pessoas doações para a polícia e, a pessoa que mais doou foi ele". Então, eu determinei: "Devolva a doação e traga-o preso". Ele foi preso! As situações que conto no livro, acredito que são comuns na vida de muitos policiais militares. Há muitas histórias, muito mais bonitas e criativas que essas, entretanto, se perdem como o passar do tempo. Bom se viessem para os livros.

RHM: Vamos encaminhar aqui para o nosso finalmente! O senhor já tocou na sua trajetória enquanto palestrante no Brasil e eu queria pegar um gancho nessa vivência que o Senhor tem tido nas outras instituições e falar um pouco sobre como o senhor tem visto a nossa Segurança Pública em relação ao que o senhor está vendo aí fora? Porque, às vezes, um olhar por cima, comparado, pode dar a dimensão que, muitas vezes, nós no interior do processo não conseguimos observar, pelo menos em sede de Serviço de Inteligência. Como nós estamos considerando essa vivência que o Senhor está tendo aqui no Brasil?

Eu consegui ter essa percepção mais ampliada quando eu estive na Escola Superior de Guerra. Para quem é da inteligência, é o curso dos sonhos. É a cereja do bolo dos demais cursos da área. Muitos que militam na área aspiram realizar o Curso Superior de Inteligência Estratégica, são seis meses de muita geopolítica.

Olhando a inteligência a partir deles, a gente percebe que o Estado de Mato Grosso avançou muito nessa área. É um fato que alavancou esse olhar respeitoso para o desenvolvimento da inteligência no Estado e Mato Grosso se deve ao curso de especialização de inteligência.

Então, no tocante à inteligência eu chamo atenção e peço desculpas, mas peço licença para citar, novamente, o livro “Inteligência e Segurança Pública” porque foi um grande divisor de águas. Tanto é que o próprio Professor Renato Pires, confidenciou-nos, em uma banca de TCC, que o que inspirou em seus livros foi esse livro. Então, acredito que nessa área nós caminhamos bem.

Agora, quando falei daquele conhecimento estimativa, penso que precisamos avançar, especialmente, na aquisição de alguns *softwares* para a produção desse conhecimento. Só assim, poderemos levar aos nossos tomadores de decisão esse conhecimento mais abalizado, que irá auxiliar na construção de algumas políticas públicas que realmente impactam a criminalidade. Precisamos investir na compra de alguns equipamentos mais sofisticados também. Hoje, grande parte dos policiais nem sabe da existência do Pegazus, que é uma realidade em países europeus. Desse modo, entendo que precisamos avançar na parte de equipamentos, na parte de alguns cursos fora do país, porque, hoje, eu percebi que para uma significativa parcela de policiais que operam na inteligência, o Brasil já ficou pequeno. Está na hora mandarmos o nosso policial fazer um curso de inteligência na CIA ou na Mossad. Estamos precisando buscar conhecimentos novos lá fora!

RHM: A ESG foi um paradigma ou é só uma sistematização importante é um ponto na carreira importante, mais que o Brasil em outras especializações em outros cursos supra?

A impressão que tenho é que a ESG é um padrão de excelência. Para mim, foi divisor de águas. A começar pelo planejamento, quando você chega na escola, recebe o planejamento. E esse planejamento é executado exatamente da forma como foi concebido, não há nenhuma aula vaga.

Agora, a única ressalva da ESG com relação à segurança pública é que o foco deles, que é voltado mais a geopolítica, a inteligência clássica, a inteligência de

Estado, a relação entre os países e a diplomacia internacional. Muitos ministros dão aulas nesse curso e as vezes o próprio presidente da república faz a abertura do curso. O corpo docente, em que pese ser formado por renomados doutores, não é vocacionado a área da segurança pública. Em verdade, participamos como convidados e cabe a nós fazermos o diálogo entre a inteligência clássica e a inteligência da segurança pública.

RHM: Comandante, nossa conversa está terminando e, é de praxe fechar nossa entrevista com indicação de livros! Eu queria que o Senhor deixasse algumas indicações de leitura para nossos ouvintes.

Na área da segurança pública, eu gosto da "Síndrome da Rainha Vermelha", de Marcos Rolim, que fala sobre inteligência, sobre polícia comunitária, e sobre sistema penitenciário. É um livro de cabeceira, gosto muito dele, traz muitos conhecimentos interessantes.

Outro livro que apresenta muitos dados interessantes sobre a atividade de inteligência, da Editora D'Plácido, é "Inteligência de Segurança Pública: contribuições doutrinárias para o Cotidiano Policial", organizado pelos policiais militares de Minas Gerais coronel Hélio Hiroshi Hamada e sargento Renato Pires Moreira.

Na área da polícia comunitária, eu indico um livro maravilhoso que foi escrito pelo coronel da PMMT Sebastião Carlos Rodrigues da Silva que aborda a tensão entre o Estado e Sociedade e está centrando naquilo que você falou anteriormente: civilidade. E, na área de segurança pública indico os livros do coronel Amauri Meirelles, profissional visionário que começou muito cedo com o famoso "Amarelinho", sobre as práticas do policiamento ostensivo.

E, já fazendo minha despedida, quando participei do lançamento do seu livro "Fundamento Ciências Policiais – da Barbárie à Segurança Pública", fiquei honrado de ir para mesa e falar sobre seu livro. E, hoje reforço nessa entrevista que temos um novo Ubaldo Monteiro na Polícia Militar. Quero finalizar com o pensamento do seu grande pensador o Dostoiévski no livro Crime e Castigo, ele vai dizer que "nem homem nem nação pode existir sem ideia sublime". E, esse quadro diálogo com

pesquisadores é essa ideia sublime. Obrigado a todos que estão nos assistindo aqui e os que irão nos assistir futuramente, até a próxima oportunidade.

RHM: Obrigado Coronel !!!